

## Novas colecções e novas formas de acesso à informação na Biblioteca Escolar

**Manuela Barreto Nunes**

Directora da Biblioteca da  
Universidade Portucalense

Na sociedade contemporânea todas as bibliotecas são híbridas, isto é, constituídas por espaços, colecções e serviços simultaneamente reais e virtuais. Na realidade, muito rapidamente a Internet tem vindo a transformar-se na fonte de informação preferida pelos alunos das escolas, crianças e jovens nascidos já num mundo onde a autonomia, a rapidez e a comodidade do acesso tendem a substituir a fiabilidade e a autoridade que não ainda há muito tempo atrás determinavam as qualidades dos documentos definidos como fontes de informação para apoio ao processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, uma das novas tarefas que incumbem às bibliotecas escolares é o fornecimento à comunidade educativa, e muito concretamente aos alunos dos diferentes níveis de ensino, de serviços bibliotecários em linha que, entre outras potencialidades, promovam o acesso a documentos electrónicos e recursos de Internet de qualidade.

O papel das bibliotecas escolares enquanto mediadoras do acesso à informação electrónica em linha torna-se assim fulcral: falamos da ordenação da caótica, fluida, desconexa cadeia de informação disponível na Internet, e da necessidade de identificar e seleccionar recursos, organizando-os e apresentando-os de forma a torná-los acessíveis e úteis, quer à realização de pesquisas autónomas e trabalhos de casa, quer ao aprofundamento de conhecimentos, de acordo com as necessidades e capacidades dos alunos.

O tema da organização da informação deveria significar algo de muito simples para todos os que exercem funções dentro de uma biblioteca, já que as actividades fundadoras do trabalho bibliotecário são precisamente a identificação, selecção, tratamento técnico e difusão de livros e outros documentos; recorde-se que estas tarefas foram exercidas inicialmente sobre suportes impressos, escritos ou gravados, a que se foram acrescentando documentos visuais, sonoros, audiovisuais, sempre acompanhando a evolução das tecnologias de registo e suporte da informação. Existem no entanto diferenças significativas entre qualquer um destes suportes - e mesmo contando que o livro sempre se manteve como o recurso de informação nobre e preferencial no acervo de uma biblioteca - e os recursos de informação digital: é que estes, para além de em número infinitamente maior e mais perecível (o tempo de vida médio de um recurso de Internet não ultrapassa os seis meses), não podem ser arrumados numa estante da biblioteca e não obedecem a padrões de edição normalizados, assemelhando-se em muitos casos a literatura cinzenta; no entanto, têm a vantagem de estar disponíveis 24h por dia sete dias por semana, de poderem ser actualizados e corrigidos pelo autor a qualquer momento, para além de transferidos de suporte, recolhidos, armazenados, transmitidos tantas vezes quantas necessite o utilizador, salvaguardados naturalmente os direitos de autor nos casos em que estes se imponham. É verdade que muitos dos recursos electrónicos de qualidade são acessíveis apenas através de assinaturas elevadas, mas a maior parte da informação da Internet é de acesso livre, e essa é precisamente a que professores e, sobretudo, alunos recuperam quando procuram a resposta a uma pergunta a partir de um motor de pesquisa.

O novo paradigma das bibliotecas leva a que encaremos os utilizadores como actores, e não como destinatários passivos do processo da informação, acompanhando o novo paradigma da educação, que exige que os alunos sejam aprendizes activos e autónomos, preparando-se para um processo que lhes durará toda a vida. É pois fundamental que atendamos às suas atitudes no processo de pesquisa e recuperação de informação e que procuremos encontrar respostas sérias para uma realidade indiscutível: a fonte preferencial de pesquisa das crianças e jovens de hoje é a Internet, da mesma maneira que a Internet é actualmente o repositório e meio de reprodução preferencial da grande maioria dos produtores de

informação. A consequência é que muitas crianças e jovens, no âmbito do seu desempenho escolar, se sujeitam ao caos do Google ou de outros motores de pesquisa, ao ruído e ao lixo informativo, à informação enganadora e sem qualidade recuperada na sequência da realização de pesquisas feitas, já à partida, com pouco critério; em muitos casos, a aprendizagem acaba por se tornar nula, e os alunos perdem o seu tempo copiando e colando respostas desadequadas, e recolhendo informação pouco fiável, ou até cuja interpretação está para além das suas competências literácicas; é assim que compreendemos que, para adquirir conhecimento, não é suficiente o simples acesso aos equipamentos e à tecnologia.

E este é um dos aspectos em que a intervenção das bibliotecas escolares se torna fundamental: a ordenação do caos da Internet para uso das comunidades educativas. A constituição de portais, ou melhor, de plataformas de assuntos e repositórios de informação é uma tarefa urgente, que deve ser realizada em estreita colaboração entre bibliotecas e até recorrendo à colaboração das universidades e outras instituições de dinamização local ou nacional.

Na construção de plataformas de assuntos, a aplicação dos procedimentos relacionados com o circuito documental aos recursos de Internet, da identificação à difusão, passa por vários problemas relacionados com a falta de normalização a que ainda estão sujeitas todas as actividades que envolvem a Internet, da produção à difusão. De acordo com Hsieh y Martínez<sup>1</sup>, "os princípios em que se baseia a organização dos recursos de Internet são:

- A determinação de que recursos existem e a selecção daqueles que são relevantes para as necessidades dos utilizadores.
- A descrição dos recursos seleccionados.
- A apresentação dos pontos de acesso necessários, incluindo o controlo de autoridade dos mesmos.
- A análise de conteúdo dos recursos seleccionados.
- A disponibilização da informação necessária à localização desses recursos."

Assim sendo, é possível identificar cinco problemas principais no caminho que leva à transformação das bibliotecas escolares em centros de recursos verdadeiramente híbridos:

Em primeiro lugar, a identificação, que requer pesquisas sistemáticas e uma grande flexibilidade de pensamento já que, mesmo quando procuramos em bases de dados organizadas, os critérios de ordenação, a terminologia utilizada, a forma de apresentação da informação no ecrã, etc., diferem de organização para organização, exigindo tempo de aprendizagem e muita paciência;

Em segundo lugar, a selecção, que exige um rigor muito maior do que o necessário no âmbito de documentos em suportes mais normalizados e publicados por editoras reconhecidas; a Internet está repleta de micro e auto-edição, com consequências ao nível do reconhecimento da autoridade, da fiabilidade, da actualidade, etc., dos documentos assim produzidos; na Internet, a selecção implica ainda a capacidade de avaliar as qualidades técnicas dos recursos, as quais condicionam a sua futura legibilidade, bem assim como a facilidade de acesso, navegação e uso; finalmente, a selecção de documentos electrónicos não está nunca terminada, obriga a uma avaliação periódica da actualidade e da sua própria existência - como referimos antes, os recursos electrónicos são por natureza perecíveis e instáveis.

Em terceiro lugar, o tratamento técnico, sobretudo a catalogação: deveremos utilizar normas catalográficas para descrever documentos que podem ser efémeros? Como fazer quando estes documentos não obedecem a nenhuma norma de edição, quando não apresentam dados suficientes para a sua identificação?

Em quarto lugar, a ordenação e a apresentação dos dados: como fazer para organizar os documentos electrónicos se, através deste meio, a produção de catálogos se confunde com a apresentação dos documentos, uma vez que através de qualquer um dos elementos de descrição é possível (deve ser possível) aceder ao próprio documento? Uma apresentação convencional dos dados catalográficos não será demasiado complicada, pouco amigável para os utilizadores? Que elementos de um registo devemos então seleccionar? E como ordenar os documentos? Por temas, utilizando uma lista estruturada de assuntos? Através de uma classificação, reproduzindo as estantes da biblioteca? Deveremos incluir um resumo de cada documento? Deveremos incluir notas, indicando os seus destinatários preferenciais, em termos de idade, facilidade de leitura, etc.?

Em quinto lugar, o acesso. O acesso é, actualmente, o nó do problema: a informação não interessa se não estiver acessível, e por acessível entendemos mais do que a disponibilidade dos equipamentos e programas necessários à pesquisa e recuperação de dados, ou inclusive a existência de recursos electrónicos organizados; o acesso não existe independentemente da aprendizagem, do apoio directo ao utilizador, da concepção dos ambientes bibliotecários, virtuais ou físicos, como ambientes de aprendizagem. Numa biblioteca escolar, esse apoio deveria ser permanente, visível e estar integrado na própria concepção dos sistemas de informação.

Os problemas acima enunciados não são mais do que pistas para reflexão no âmbito de uma tarefa inadiável para os coordenadores e equipas das bibliotecas escolares: a construção de plataformas de recursos de Internet para apoio à pesquisa autónoma e ao estudo dos alunos das escolas de todos os níveis de ensino. Um trabalho deste tipo resulta melhor se for feito em cooperação e, na verdade, está em curso um projecto intitulado DAME - Directório de Apoio Multidisciplinar a Estudantes -, que aceita colaboração de professores e bibliotecários interessados em participar, podendo o protótipo ser acedido em <http://www.dame.pt>.

1. HSIEH-YEE, Ingrid; MARTÍNEZ-ARELLANO, Filiberto Felipe (1996). Modificaciones a las reglas de catalogación y la infraestructura de OCLC para una organización efectiva de los recursos de Internet [en línea]. [Consulta: 2006 oct. 12]. Disponível na Internet: